

## Pecuária de corte

## Brasil no mercado mundial

Benedito Rosa do E. Santo\*

ESTE ARTIGO analisa o *boom* exportador do Brasil no mercado internacional de carne bovina, entre 2001 a 2007, um período razoável de tempo para avaliar o desempenho desse importante setor da agricultura e da economia nacional.

Capaz de deslocar concorrentes eficientes, apesar do contrapeso que o Custo Brasil ainda representa, a perspectiva da cadeia é distanciar-se ainda mais na sua posição de maior provedor do produto no mercado internacional.

Há um notável progresso em termos de gestão, melhoramento genético, nutrição, sanidade, reprodução e implantação de pastagens com modernas técnicas agromônias. Existem megaconfinamentos com até 100 mil bois por ano. Na indústria, o processamento cresce em número e capacidade.

Como o mercado mundial atravessou um período com problemas de oferta em países com tradição exportadora, o sistema produtivo brasileiro foi capaz de ocupar essas janelas abertas de oportunidades. Houve ampliação de seu *market share*, vendas de maiores quantidades de cortes de carne mais valorizados e entrada em mercados mais remuneradores.

## Dinâmica do mercado

A conjuntura econômica global foi de crescimento no período. A expansão média do PIB mundial foi de 4% ao ano. Ao lado dos EUA, uma das grandes novidades foi o papel de dois novos propulsores da economia mundial: a China e a Índia. Com forte efeito renda, houve um crescimento da demanda, em particular de alimentos. Na Ásia, os cereais perdem es-

paço para as chamadas proteínas nobres, como são classificadas as carnes.

Pelo lado da oferta, não obstante as restrições decorrentes do protecionismo e subsídios à produção agropecuária nos países ricos, a produção brasileira de carne bovina cresceu a uma alta taxa geométrica, da ordem de 4,5%. Quantos países podem exibir um crescimento de quase 40% em apenas seis anos?

## Brasil: produção de carne (equivalente carcaça)

Ano	Quantidade
2001	6,9 milhões de t
2007	9,5 milhões de t
Varição	38%

Fonte: Fórum Nacional de Pecuária de Corte

Uma série de razões fez o Brasil e países vizinhos serem os mais beneficiados pela conjuntura favorável do cenário internacional no período analisado, como:

- Disponibilidades de condições edafoclimáticas apropriadas;
- Áreas enormes para pastagens.
- Dificuldades de ordem sanitária nos países concorrentes, em especial a BSE (doença da vaca louca): enquanto na Europa assumiu dimensão de epidemia, nos EUA e no Canadá provocaram estrago no nível de surto.
- Prejuízos com a febre aftosa para os europeus.

Diante do risco sanitário, o mercado mundial se fechou para vários dos concorrentes. A favor do Brasil contaram também o tabelamento de preço no mercado interno e o alto imposto sobre a ex-

portação estabelecidos pelo governo dos Kirchner. Entre 2005 e 2007, os embarques argentinos reduziram-se em 30%. Um recuo de 222 mil toneladas. O rebanho estagnou em 50 milhões de cabeças.

Ademais, também concorreram a limitação na oferta devido às restrições de ordem geográfica do Uruguai, Paraguai e da Nova Zelândia, e as dificuldades com a falta de água na Austrália.

Para o Brasil, a pressão da demanda foi intensa a ponto de induzir uma elevação substancial da taxa de abate de fêmeas, de 22,7% em 2001, para 34,5% em 2007. A extraordinária expansão nas exportações brasileiras não foi maior porque os países produtores de carne bovina continuaram a usar barreiras tarifárias elevadas. Por exemplo, a UE continuou impondo tarifas específicas sobre as compras fora das cotas que variam por toneladas de €1.414 a €1.041, além de 12,8%, de tarifa *ad valorem*.

## Principais competidores

Embora as transações comerciais com carne bovina sejam intensas em todo o mundo, a produção, as vendas e as compras têm volumes concentrados em relativamente poucos países. Em 2007, de uma produção de 60,4 milhões de toneladas, o mercado internacional movimentou “apenas” 7,6 milhões de toneladas. Apenas os oito países maiores importadores responderam por 90% desse volume.

O Brasil vendeu para mais de 180 países durante o período em questão, porém com participação forte em poucos mercados.

Um aspecto interessante no mercado de carne bovina é o dinamismo de alguns países grandes produtores:

- Os EUA são o maior importador e o quarto exportador, além de ser o maior produtor mundial;
- A UE-27 ocupa a terceira posição como importadora, disputava a quarta colocação com o Canadá, antes dos desastres provocados pela epidemia da BSE e da febre aftosa, e é o terceiro maior produtor.
- Canadá e México também são grandes exportadores e compradores de carne bovina.

Como a abertura comercial não é franca a todos os países potencialmente exportadores, mas sim administrada, isso indica o caminho dos acordos bilaterais, (comerciais e de sanidade), aproveitamento dos acordos multilaterais, além do esforço extra para atender as certificações de entidades privadas.

No que concerne ao potencial de produção em larga escala, um pequeno e privilegiado número de países dispõe de pastagens abundantes e clima propício à bovinocultura, como:

- Os EUA e o Brasil com cerca de 200 milhões de hectares de pastagens;
- A Argentina, com mais de 50 milhões de hectares;
- A Índia, Austrália, e o Paraguai.

Outros países, como a China, também dispõem de enormes áreas de pastagens, mas não conseguem produzir grandes volumes exportáveis, devido ao volume do consumo interno.

Não se pode afirmar que o Brasil seja competitivo em todos os aspectos e elos dessa cadeia produtiva. O chamado Custo Brasil diminui o nível de eficiência nacional pelas seguintes razões:

- Carga tributária acumulada;
- Precariedade do sistema de transportes e serviços portuários;
- Despesa adicional de uma burocracia paralisantes;

As vantagens nacionais são:

- Condições de solo e clima;
- Disponibilidade de terras e mão-de-obra;
- Desenvolvimento tecnológico avançado em termos da biologia animal;
- Engenharia genética, nutrição, agros-

tologia, informática, cruzamento industrial, métodos de gestão, entre outros fatores.

Tudo isso permite ao Brasil produzir 100 quilos de carne com um custo médio aproximado de US\$100, segundo estudos divulgados pelo Cepea/Esalq-USP e pela CNA. Esse mesmo custo é da ordem de US\$ 300 no Canadá, US\$ 350 nos EUA e na Austrália, e em torno de US\$ 450 na maioria dos países da Europa Ocidental.

Há ainda países que são grandes produtores, porém não são competitivos. São obrigados a combinar pastagem natural ou

cultivada com alimentos onerosos à base de cereais e oleaginosas. Nesse modelo, eles recorrem a barreiras tarifárias, sanitárias e burocráticas para conter a concorrência. Os 27 países da União Européia, o Japão, a Coreia, o Chile e tantos outros praticam esse padrão, em alguma medida.

Além do aspecto quantidade, há uma disputa pela venda das modalidades ou tipos de carne mais bem remunerados. A disputa é acirrada, barreiras são levantadas para garantir reservas de mercado. Tradicionalmente, os “cortes traseiros”, preferidos para consumo di-

#### Mundo: produtores de carne bovina (1.000 t equivalente carcaça)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Part. em 2007 (%)
EUA	11.983	12.427	12.039	11.261	11.318	11.981	12.096	20,0
Brasil	6.895	7.240	7.385	7.975	8.592	9.020	9.470	15,7
UE-27	8.346	8.397	8.304	8.245	8.090	8.150	8.175	13,5
China	5.503	5.860	6.318	6.773	7.129	7.064	7.494	12,4
Argentina	2.640	2.700	2.800	3.130	3.200	3.100	3.200	5,3
Índia	1.770	1.810	1.960	2.130	2.250	2.375	2.500	4,1
México	1.925	1.930	1.950	2.099	2.125	2.175	2.200	3,6
Australia	2.049	2.089	2.073	2.081	2.102	2.183	2.197	3,6
Rússia	1.760	1.740	1.670	1.590	1.525	1.430	1.370	2,3
Canadá	1.262	1.294	1.184	1.496	1.523	1.391	1.310	2,2
Outros	9.244	9.590	9.662	10.122	10.336	10.565	10.425	17,2
<b>Total</b>	<b>53.377</b>	<b>55.077</b>	<b>55.345</b>	<b>56.902</b>	<b>58.190</b>	<b>59.434</b>	<b>60.437</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração DAC/SRI com dados do USDA, 2008

#### Mundo: exportadores de carne bovina (1.000 t equivalente carcaça)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Part. em 2007 (%)
Brasil	741	872	1.162	1.610	1.845	2.084	2.189	28,8
Australia	1.376	1.343	1.241	1.369	1.388	1.430	1.400	18,4
Índia	365	411	432	492	617	681	735	9,7
EUA	1.029	1.110	1.142	209	316	519	649	8,5
Argentina	168	345	382	616	754	552	532	7,0
Nova Zelândia	483	475	548	594	577	530	496	6,5
Canadá	619	657	413	603	596	477	457	6,0
Uruguai	145	225	282	354	417	460	385	5,1
Paraguai	62	80	78	115	180	232	197	2,6
UE-27	610	580	438	363	253	218	139	1,8
Outros	244	321	361	321	348	304	426	5,6
<b>Total</b>	<b>5.842</b>	<b>6.419</b>	<b>6.479</b>	<b>6.646</b>	<b>7.291</b>	<b>7.487</b>	<b>7.605</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração DAC/SRI com dados do USDA, 2008

reto fresco, remuneram melhor. Alguns países compram os corte dianteiros, como a Rússia e Israel. Há as compras de países desenvolvidos para preparar os *fast food* e enlatados em geral. Assim, podem ser bem lucrativos mesmo com preços inferiores aos dos chamados cortes nobres.

A importância do uso da barreira da febre aftosa confunde o circuito comercial restrito de carne bovina selecionada e de padrão sanitário e credibilidade elevados com o nome da doença. Muitos o chamam de “circuito do mercado não-aftótico”, um mercado só para carne oriunda de países que não têm ocorrência de aftosa e não vacinam seus rebanhos. Mas outras zoonoses também contam.

Em consequência, praticam-se preços diferenciados. Enquanto o preço médio da tonelada de carne congelada com osso exportada pelo Brasil em 2007 foi de US\$ 1.334, a Austrália e os EUA conseguiram US\$ 6.804 e US\$ 6.820, respectivamente, por tonelada de carne fresca.

A desvantagem entre os países fica mais nítida quando se comparam as mesmas modalidades de carne. O preço médio da tonelada de carne congelada com e sem osso varia de US\$ 3.000 a US\$ 4.000, respectivamente, para os EUA, a UE e Austrália. Enquanto o Brasil vendeu essas mesmas modalidades por aproximadamente um terço daqueles valores, ou seja, US\$ 1.334 e US\$ 2.342, respectivamente.

A estratégia para entrar nesse circuito passa pela implementação de ações planejadas e coordenadas em múltiplas frentes – tais como acordos bilaterais, que incluem ofertas e condições compensatórias aos parceiros – priorização e aperfeiçoamento do sistema de sanidade animal, e venda da boa imagem do sistema produtivo e do produto.

Definidores da oferta no mercado internacional, os nove países maiores exportadores responderam por 93% do total do comércio mundial do produto, no ano de 2007. Quatro desses grandes atores do mercado estão no Cone Sul.

Em 2007, o Brasil respondeu:



**Preço médio das exportações de carne em 2007 (US\$1.000 por tonelada)**

	Fresca Com osso	Fresca Desossada	Congelada Com Osso	Congelada Desossada	Processada
<b>Brasil</b>	<b>3.256</b>	<b>6.080</b>	<b>1.334</b>	<b>2.342</b>	<b>3.313</b>
<b>Austrália</b>	<b>6.804</b>	<b>5.935</b>	<b>2.987</b>	<b>2.837</b>	<b>4.584</b>
<b>Estados Unidos</b>	<b>6.820</b>	<b>4.248</b>	<b>4.051</b>	<b>4.055</b>	<b>4.348</b>
<b>União Européia</b>	<b>4.310</b>	<b>3.458</b>	<b>3.441</b>	<b>2.607</b>	<b>2.534</b>

Fonte: elaboração DAC/SRI, com dados do USDA

- Sozinho, por quase 30% do mercado mundial;
- Junto com a Austrália, pela metade do comércio mundial de carne bovina.

A Austrália ocupou a posição de maior exportadora mundial durante muitos anos. Em 2001, o Brasil exportou pouco mais da metade do volume vendido por aquele país. Em 2004, foi ultrapassada pelo Brasil, e em 2007 nossas exportações já corresponderam ao dobro das da Austrália.

Nos EUA, as exportações despencaram após o episódio da BSE. As suas vendas externas oscilavam em torno de 1,1 milhão de toneladas anuais até o ano 2003, quando caíram para apenas 209 mil t. A recuperação de mercados perdidos é lenta. Em 2007, os embarques atingiram 649 mil toneladas, correspondendo a 57% do volume exportado em 2003.

A Índia é um caso à parte. Com o maior rebanho do mundo, a população

não consome carne bovina por motivos filosóficos e religiosos. Mas admite e contribui para que outros povos saboreiem a carne de seus animais sagrados. De 2001 a 2007, a exportação passou de 365 mil toneladas para 735 mil toneladas, ou seja, quase 10% do comércio mundial e a terceira posição de maior exportador. Além dos mercados de países mais próximos, a Índia responde por 83% das compras da Malásia e quase a metade das importações da Arábia Saudita. O sistema de “abate Helal” (realizado segundo os preceitos do Islã) é apenas um dos fatores que impulsionam suas exportações. Outros aspectos positivos são a dimensão do rebanho (280 milhões de cabeças), a genética adaptada e o baixo custo de sua produção. ■

\* Diretor do Departamento de Assuntos Comerciais da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do MAPA.